

Boa Nova para cada dia / janeiro 2017

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos)

Tempo do Natal – Santa Maria, Mãe de Deus / Epifania do Senhor / Batismo do Senhor

Tempo Comum

TEMPO DO NATAL

Dom, 1 – SANTA MARIA, MÃE DE DEUS (Solenidade) – Dia Mundial da Paz

Num 6, 22-27 / SIm 66 (67), 2-3.5-6.8 / Gal 4, 4-7 / Lc 2, 16-21

Hoje é o oitavo dia do nascimento de Jesus e celebramos a solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus. No Evangelho deste dia, S. Lucas relata-nos a circuncisão de Jesus, um ritual que assinala a pertença a um povo. Celebramos Deus que Se empenha, que Se compromete com um povo, fazendo-Se um de nós, assumindo por dentro tudo o que somos. Deus sempre fiel à sua aliança; mesmo na infidelidade do Povo Eleito, Deus permanece fiel. Tal como o povo de Israel, cada homem, cada mulher, todos nós somos infiéis ao Amor do Senhor e Ele permanece fiel, nunca nos abandona. Fica sempre conosco. É um de nós!

Nesta narração, mais do que a importância do ritual da circuncisão, parece que S. Lucas quer

sublinhar o nome do Senhor. Ele bem sabe que atribuir um nome a alguém dá poder sobre essa pessoa. A Deus nunca ninguém O viu. Deus é o «inominável», não tem um nome. É aquele que é. Mas Deus, o «inominável», aquele diante de quem Moisés tem de cobrir o rosto, faz-Se um de nós. Entra no mundo indefeso e dá-Se-nos. Como é possível dar o nome a quem tudo criou, chamar por um nome Aquele que tudo chama à vida?

Em Jesus se estabelece uma relação definitiva entre Deus e cada um de nós. E que nome poderia ter o Senhor senão «Jesus», isto é, «Deus salva»? Chamar Jesus pelo seu nome significa que precisamos de ser salvos. Temos essa necessidade. Significa que percebemos

que sozinhos não nos podemos salvar. Só «Deus Salva».

O Deus do Antigo Testamento, um Deus poderoso, mas que assustava e cujo nome não podia ser pronunciado, torna-Se, em Jesus, o Deus-connosco, o Emanuel. Jesus revela-nos que Deus é misericórdia, é Perdão, como tanto insiste o Papa Francisco. Não é preciso ser santo e irrepreensível para pronunciar o seu nome, porque nenhum homem é justo diante de Deus. É *Ele quem nos justifica*. Por isso, ao longo de todo o Evangelho de S. Lucas, os únicos que chamam Jesus pelo seu nome são os leprosos (Lc 17, 13), o cego (Lc 18, 38) e o bom ladrão

(Lc 23, 42). Não são os supostamente justos que O chamam pelo nome, mas os que perceberam que é Deus quem os salva e não as suas ações.

Deus fez-Se um de nós para salvar os que estavam perdidos. Deus é Deus-connosco, Deus com os que estão perdidos e chama-Se Jesus. É o Salvador. Lucas, o evangelista da misericórdia, mostra-nos a doçura que é chamar Deus pelo seu nome. S. Paulo, na segunda leitura, diz-nos que, porque somos habitados pelo Espírito Santo, este faz-nos clamar «Abba, Pai». Porque «Deus Salva», a nossa filiação é divina. Somos, por amor, filhos de Deus. Filhos no Filho.

Seg, 2 – S. BASÍLIO MAGNO E S. GREGÓRIO NAZIANZENO (Memória)

1 Jo 2, 22-28 / Slm 97 (98), 1-4 / Jo 1, 19-28

O Senhor deu a conhecer a salvação. (Salmo)

Com certeza que o leitor acha que vai ser salvo, e quem sou eu para duvidar, mas o que eu pergunto é se o leitor tem alguma noção que a sua salvação exige alguma coisa de si a mais do que este viver de todos os dias. A questão é: «Se o leitor já se acha salvo, tem que fazer algo mais do que o que já faz no seu dia a dia para ser salvo? Acha que não?» Medite sobre isto.

Ter, 3 – TEMPO DO NATAL

1 Jo 2, 29 – 3, 6 / Slm 97 (98), 1.3-6 / Jo 1, 29-34

Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. (Evang.)

Quando vemos todos os horrores que os telejornais trazem a nossa casa podíamos pensar que Jesus veio tirar o pecado do

mundo e dar graças a Deus por a Igreja, ao longo dos seus 2000 anos, ter tido uma ação tão benéfica em prol da justiça, do bem-estar e dos direitos humanos, senão o mundo estaria ainda muito pior. Hoje, o leitor peça a graça de amar a Igreja e de não se deixar controlar pela difamação.

Qua, 4 – TEMPO DO NATAL

1 Jo 3, 7-10 / Slm 97 (98), 1.7-9 / Jo 1, 35-42

Mestre – onde moras?... Vinde ver. (Evang.)

Os defeitos dos outros entram-nos naturalmente pelos olhos dentro. Mas temos que olhar com mais atenção para vermos onde é que Jesus mora nos outros. Ou, se quiser, o que é que os outros nos revelam de Jesus. Hoje, o leitor faça esse exercício. Escolha uma pessoa e medite: «Que faceta de Jesus é que esta pessoa me revela?». E agradeça a Deus. (Também pode agradecer à pessoa.)

Qui, 5 – TEMPO DO NATAL

1 Jo 3, 11-21 / Slm 99 (100), 2-5 / Jo 1, 43-51

Todo aquele que odeia o seu irmão é homicida. (1ª Leit.)

Se odiamos alguém, já o matámos no nosso coração. Mas também se pode dar o caso de a pessoa ter feito com que nós a odiássemos. S. João não parece abrir exceções para este caso e Jesus manda amar os inimigos. Às vezes, o primeiro passo é só não alimentarmos esse ódio, esse ressentimento, essa dor. Às vezes, não alimentarmos é o melhor que podemos fazer.

Sex, 6 – TEMPO DO NATAL / 1ª SEXTA-FEIRA

1 Jo 5, 5-13 / Slm 147, 12-15.19-20 / Lc 3, 23.31-34.36.38

Ele era, como se pensava, filho de José. (Evang.)

O leitor também é filho de alguém, também tem um pai. Na oração de hoje, podia prestar uma homenagem ao seu pai da Terra. Podia pensar em alguma coisa que ele lhe tenha dado e agradecer isso. Algum traço de caráter, algum ensinamento,

alguma coisa material. Pode agradecer ao seu pai que já está no Céu ou ao seu pai que está na Terra. E dar graças a Deus.

Sáb, 7 – TEMPO DO NATAL / 1º SÁBADO

1 Jo 5, 14-21 / Slm 149, 1-6.9 / Jo 2, 1-11

Esta é a confiança que temos em Deus: se Lhe pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, Ele escuta-nos. (1ª Leit.)

Estar em perfeita sintonia com Deus leva a não querermos o que Deus não quer. Supostamente, já experimentámos que a vontade de Deus nos faz felizes. Embora também saibamos que, ao princípio, podemos não o perceber. Já sabemos que não há esta dicotomia enganadora: «Eu era feliz assim mas Deus quer-me de outra maneira que me vai fazer infeliz». Peçamos a Deus uma confiança cada vez maior.

Dom, 8 – EPIFANIA DO SENHOR (Solenidade)

Is 60, 1-6 / Slm 71 (72), 2.7-8.10-13 / Ef 3, 2-3a.5-6 / Mt 2, 1-12

Dos quatro evangelistas, S. Mateus é o único que relata este episódio em que alguns estrangeiros, os Magos, visitam o Senhor na gruta, em Belém. Este detalhe pode parecer insignificante, mas o que nos diz sobre Deus e sobre nós próprios que os primeiros a reconhecer o Senhor incarnado sejam uns estrangeiros e não algum membro devoto do povo de Deus? No Evangelho de Lucas, são os Pastores os primeiros a reconhecerem Jesus. Estes eram desprezados por todos. Ninguém lhes prestava atenção e eram considerados cidadãos de segunda categoria.

A história dos Magos teve sempre uma presença forte na nossa devoção popular. Embora S. Mateus não o refira, na tradição ficaram conhecidos por «reis» e, porque os dons são três, imaginamos que eles fossem três. Mas o mais importante, aquilo que vale a pena reter, é que eles seguiram uma *estrela*. Isto quer dizer que eram homens pagãos, que andavam à procura, investigavam e queriam saber mais. Não estavam acomodados naquilo que já sabiam sobre o mundo e sobre eles mesmos.

Nós, tal como estes Magos, não somos israelitas. Tal como

eles, temos de fazer um caminho, uma busca na vida, guiados por uma estrela, para sabermos onde «nasce», onde Se manifesta o Senhor. Mas que estrela é esta que seguem os Magos? Onde a podemos encontrar? Diz Balaão, na sua profecia: «*Eu vejo (...) uma estrela surge de Jacob e um cetro se ergue de Israel*» (Nm 24, 17). Estes Magos, que representam os homens de ciência, representam aqueles que procuram, que não desistem, representam os «sábios» que orientam a sua vida para a reflexão, vão a Jerusalém: querem que a sua sabedoria e o seu conhecimento se abram à revelação de Deus.

A nossa razão, a nossa inteligência e toda a nossa vida são iluminadas pela luz da revelação de que Deus é Deus-connosco, é Emanuel. É n'Ele que podemos ver o sentido de tudo. Diz Meister Eckart que este é o «natal da alma», isto é: esta narração apresenta-nos o nosso nascimento a Deus e o nascimento de Deus para nós. É uma geração gradual: do nosso considerar e raciocinar segue-se o desejar e é a Escritura que nos revela Aquele que desejamos. A alegria é o sinal de O

ter encontrado. A adoração é a consequência, é a nossa entrega Àquele que Se entregou por nós.

Não basta saber muitas coisas para adorar o Senhor. Os sacerdotes em Jerusalém sabiam que o Messias devia nascer em Belém, mas não se dispuseram a sair do seu conforto para irem ao encontro do Senhor. O próprio Herodes, que O quer assassinar, usa a Escritura não para adorar, para beijar e amar, mas para matar.

O caminho traçado pelos Magos, e que também nós somos convidados a percorrer, é o caminho do Amor que, através da inteligência e da revelação, da alegria e da adoração, chega até à doação de si mesmo ao Senhor. É neste gesto de oferta do que somos que nascemos n'Ele e Ele nasce definitivamente em nós.

Hoje celebramos a solenidade da Epifania, a manifestação do Senhor como verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Tal como os Magos, tudo o que oferecermos ao Senhor, sobretudo a nossa própria vida, será epifânico, isto é, será uma revelação, uma manifestação da glória de Deus.

Seg, 9 – BATISMO DO SENHOR (Festa)

Is 42, 1-4.6.7 ou At 10, 34-38 / Slm 28 (29), 1-4.9-10 / Mt 3, 13-17

«Este é o meu Filho muito amado, no qual pus toda a minha complacência». (Evang.)

O Pai diz que Jesus é o filho muito amado. O leitor também é o filho muito amado de Deus, em quem Deus pôs todo o seu amor. O que é que isto significa para o leitor? Significará carinho, proteção, exigência, segurança. Mas pode também significar outras coisas; o leitor é que sabe. Hoje, medite sobre um ou mais aspetos que lhe toquem na sua relação com Deus Pai.

TEMPO COMUM

Ter, 10 – SEMANA I DO TEMPO COMUM

Hebr 2, 5-12 / Slm 8, 2a.5-9 / Mc 1, 21-28

Aquele que santifica e os que são santificados procedem todos de um só. (1ª Leit.)

É uma maravilha procedermos todos do Pai. Podia ser de outra maneira. Deus podia ter-nos posto nesta terra com capacidade para sermos felizes e infelizes, mas não nos ter deixado participar da sua felicidade eterna. Claro que assim não seria o nosso Deus, seria o Deus de outras pessoas. Mas teoricamente podia ter acontecido. Hoje é dia de dar graças a Deus por nos ter feito para a felicidade eterna.

Qua, 11 – SEMANA I DO TEMPO COMUM

Hebr 2, 14-18 / Slm 104 (105), 1-4.6-9 / Mc 1, 29-39

... destruir (...) aquele que tinha poder sobre a morte. (1ª Leit.)

Todo o pecado é submissão às forças do mal, todo o pecado é submissão à morte, todo o pecado é corrupção. Mas a graça, o Bem, tem um poder regenerador. Não devemos, pois, desistir, muito menos desesperar. Muitas vezes, a nossa fragilidade é «desesperante». Ser um pouco desesperante é bom. O hábito é muito pior, é sintoma de consciência anestesiada, alienada. Reze o leitor sobre isto.

Qui, 12 – SEMANA I DO TEMPO COMUM

Hebr 3, 7-14 / Slm 94 (95), 6-11 / Mc 1, 40-45

Se hoje ouvirdes a voz do Senhor, não endureçais os vossos corações. (1ª Leit.)

O problema é que, muitas vezes, os nossos corações já não estão em processo, já estão endurecidos. Pela reflexão, pela meditação,

lendo devagar e parando naquilo que nos impressiona positiva ou negativamente, podemos ir ganhando sensibilidade ao que Deus nos quer dizer através da sua palavra. Também através da oração. O leitor experimente...

Sex, 13 – SEMANA I DO TEMPO COMUM

Hebr 4, 1-5.11 / Slm 77 (78), 3.4bc.6c-7.8 / Mc 2, 1-12

Não entrarão no meu repouso. (1ª Leit.)

Repare na expressão «meu repouso». É o nosso repouso em Deus. É um repouso dinâmico. O Céu é dinâmico. Não é, como às vezes se ouve, uma pasmaceira. O Céu tem que ser atividade, alegria, relação com os irmãos, uma relação cada vez melhor, porque a nossa capacidade de amar aumenta indefinidamente. O Céu não tem descrição. É para além de toda a imaginação. Imaginação de coisas boas...

Sáb, 14 – SEMANA I DO TEMPO COMUM

Hebr 4, 12-16 / Slm 18 B (19 B), 8-10.15 / Mc 2, 13-17

A palavra de Deus é... cortante... até ao ponto de dividir a alma... (1ª Leit.)

A palavra de Deus separa o trigo do joio na nossa alma. Por isso é que, muitas vezes, é desagradável. Mas também é agradável, muitas vezes. Em qualquer dos casos, tem que ser posta em prática por nós. É o que se chama a «palavra viva». Viva porque é vivida, viva porque vive através de nós. Mas para isso precisamos da nossa boa vontade e da ajuda do Espírito Santo. Peçamo-la.

Dom, 15 – DOMINGO II DO TEMPO COMUM – Ano A

Is 49, 3.5-6 / Slm 39 (40), 2.4ab.7-11ab / 1 Cor 1, 1-3 / Jo 1, 29-34

O Evangelho deste domingo apresenta-nos João Batista como sendo *testemunha da Palavra*. Se nos outros evangelistas ele é apresentado como sendo o precursor do Senhor, o

evangelista João sublinha que ele, como *testemunha*, reconhece e indica aos outros que Jesus é a Palavra.

João Batista é a imagem de cada homem, de cada mulher

que reconhece a luz da Palavra que brilha na sua vida. É aquele que sabe que a sua vida torna presente a Luz e que ele não é a Luz. É a imagem de quem reconhece a presença do Senhor na sua vida. Ele é um homem descentrado, com o seu centro fora de si. Por isso, é um homem movido pelo desejo: quem tem o centro fora de si mesmo está sempre em movimento em direção Àquele que é o seu centro. S. João, tal como nós, é alguém que anda à procura da presença de Deus na sua vida. Encontrando-O, não pode guardar para si o tesouro que encontra. Por isso, vai ao encontro dos outros. Anuncia que há alguma coisa mais importante na sua vida do que ele mesmo. Proclama, anuncia, grita, faz tudo para que também os outros possam acolher e encontrar o Tesouro que ele encontrou.

Neste Evangelho não temos a narração do batismo do Senhor. Supõe-se que já aconteceu, mas é claro que o Batista percebeu quem tem diante de si. Duas coisas são sublinhadas: a identidade de João e de Jesus, o que *testemunha* e o *testemunhado*, o *homem* e a *Palavra*. Jesus é a luz e João a testemunha da luz.

Jesus é a Palavra e João é a voz que a pronuncia.

Tal como João, também nós somos chamados a ser testemunhas da presença de Deus, a ser voz da sua Palavra, a anunciar ao mundo: «Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo». Uma testemunha é alguém que vê, recorda-se e depois conta o que viu. É a partir da experiência da vida, dos encontros com a Palavra, que a podemos transmitir aos outros. João não é testemunha porque alguém lhe contou, mas porque ele viu e experimentou a presença de Deus na sua vida.

É o encontro com o Senhor, que tira o *pecado* do mundo, que leva a vida de João à sua realização total. E fala-se de «pecado» e não de «pecados» porque o Senhor veio para nos libertar de uma vida que não conhece Deus. Os «pecados» são a consequência deste «pecado» que é o desconhecimento de Deus, raiz de todos os nossos pecados. E um só nos pode libertar do «pecado», Deus. É Ele quem Se dá a conhecer, para que, conhecendo-O como Amor, possamos conduzir a nossa vida para sermos, então, testemunhas do seu amor para os outros.

Seg, 16 – SEMANA II DO TEMPO COMUM

Hebr 5, 1-10 / Slm 109 (110), 1-4 / Mc 2, 18-22

Por que motivo... os teus discípulos não jejuam? (Evang.)

Os discípulos de Cristo não jejuavam porque o objetivo do jejum era – então como agora – aproximar-nos de Deus. Os discípulos de Jesus já estavam com Deus. Para os fariseus, o jejum era uma ocasião para ficarem contentes consigo mesmos, mas não os aproximava nem de Deus nem dos homens. Temos que ter atenção a que o nosso jejum tenha por efeito aumentar o nosso amor, senão é farisaísmo. O leitor veja porque é que jejua.

Ter, 17 – SANTO ANTÃO (Memória)

Hebr 6, 10-20 / Slm 110 (111), 1-2.4-5.9 e 10c / Mc 2, 23-28

O sábado foi feito para o homem. (Evang.)

O sábado tinha sido feito para o homem descansar e louvar a Deus, mas acabou por se tornar uma opressão. Se não tiramos vida de uma lei religiosa – que se dirige a nós, pessoalmente – ou ela está mal feita, ou nós não a percebemos. Uma lei religiosa é uma porta aberta para a vida. Quando não é, interroguemo-nos sobre o que é que se está a passar.

Qua, 18 – SEMANA II DO TEMPO COMUM

Hebr 7, 1-3.15-17 / Slm 109 (110), 1-4 / Mc 3, 1-6

«Senta-te à minha direita, até que Eu faça dos teus inimigos escabelo de teus pés». (Salmo)

Os nossos inimigos são os nossos pecados. E eles têm que se tornar apoio para os nossos pés, apoio para as nossas ações futuras, porque temos que aprender com os nossos pecados. O pecado tem que nos tornar mais fortes. Como diz S. Paulo: «tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus». O leitor peça essa graça a Deus: que o pecado – ao menos – concorra para seu bem. Pense num em concreto.

Qui, 19 – SEMANA II DO TEMPO COMUM

Hebr 7, 25 – 8, 6 / Slm 39 (40), 7-10.17 / Mc 3, 7-12

Abristes-me os ouvidos. (Salmo)

Hoje, proponho-lhe que peça esta graça: que Deus lhe abra os ouvidos para ouvir os outros, perceber a perspectiva do outro em caridade, ouvir Deus dentro de si, ouvir Deus através do outro. Hoje, pense em ouvir esta ou aquela pessoa ou a si próprio e como é que, na prática, o vai fazer.

Sex, 20 – SEMANA II DO TEMPO COMUM

Hebr 8, 6-13 / Slm 84 (85), 8.10-14 / Mc 3, 13-19

Hei de imprimir as minhas leis no seu espírito e gravá-las no seu coração. (1ª Leit.)

Não podemos «esperar sentados» que Deus grave as suas leis no nosso coração. Como em tudo, Deus faz uma parte e nós o resto. Para termos as leis de Deus no nosso coração, ajuda fazermos disso uma tarefa, como se fosse um trabalho prático. Sentarmo-nos, rezarmos ao Espírito Santo, estabelecermos objetivos evangélicos e controlarmos a maneira como os concretizamos. É uma questão de se querer ou não se querer. Não é um propósito etéreo.

Sáb, 21 – SANTA INÊS (Memória)

Hebr 9, 2-3.11-14 / Slm 46 (47), 2-3.6-9 / Mc 3, 20-21

Cristo... purificará a nossa consciência das obras mortas, para servirmos ao Deus vivo. (1ª Leit.)

O que serão as obras mortas? Por um lado, serão obras que morreram, que ficaram sem vida; obras que não geram vida ou que só gerarão mais podridão, como os cadáveres. Naturalmente, obras sem vida, logo, que também não geram vida. É Deus que remove esses pesos mortos. Para isso, temos que Lhe pedir essa graça. E depois colaborar com Ele. Podia ser a nossa oração de hoje...

Dom, 22 – DOMINGO III DO TEMPO COMUM – Ano A

Is 8, 23b – 9, 3 / Slm 26 (27), 1.4.13-14 / 1 Cor 1, 10-13.17 / Mt 4, 12-23

«O reino dos Céus está próximo». É isto que o Senhor anuncia: que os «reinos» deste mundo, reinos onde o medo nos gover-

na, o medo de perder, o medo da morte, o medo do absurdo... são derrotados e que o reino dos Céus está próximo. Este é o rei-

no do Pai, o reino do Filho, o reino do Espírito Santo para o qual somos todos chamados.

O Senhor anuncia o seu Reino mostrando-nos a porta de entrada: «*Convertei-vos!*», diz o Senhor. Isto é: mudai a vossa mentalidade. Jesus convida-nos a fazer do seu modo de pensar e de viver o nosso modo de pensar e de viver. É isto a conversão. Anunciando o Reino, o Senhor não faz grandes discursos morais nem profundos raciocínios filosóficos, mas proclama a todos que chegou o Dia do Senhor. Desafia-nos a abrir os olhos, a ver com o coração para percebermos o que é realmente importante.

Na segunda parte do Evangelho deste domingo, Jesus mostra-nos o que significa na prática a *conversão* e como esta se torna efetiva na nossa vida: seguindo o seu convite. «Vinde e segui-Me» é o convite pessoal que o Senhor nos faz. Ser cristão não significa simplesmente acreditar em algumas verdades ou em cumprir alguns preceitos, mas é, fundamentalmente, a resposta a este convite de O seguir. A *conversão*, à qual somos todos desafiados, é a mudança de mentalidade necessária para passarmos aquilo que na nossa vida é do reino deste mundo

para o reino dos Céus. Isto significa centrar o coração no Senhor.

Converter-se é mudar a direção da vida, é orientar as nossas decisões para Ele, por isso é que hoje o Senhor nos desafia a segui-Lo. Seguimos Jesus para sermos como Ele, filhos e irmãos, e assim vivermos *em reino dos Céus*, sabendo que este já está entre nós: é Ele o *reino dos Céus!*

A fé cristã é sobretudo relação pessoal com Jesus, o Nosso Senhor, o Senhor da minha vida, que amo porque sou amado. Foi *Ele quem me amou em primeiro lugar*. Não é simplesmente a doutrina, nem mesmo a moral ou os bons costumes que manifestam o Amor de Deus no mundo, mas é esta certeza de ser amado que nasce de uma relação pessoal com Aquele que *converte* o nosso coração e o direciona para o Pai, que faz de nós lugar da presença do Amor de Deus.

Vemos como Jesus «*pesca*» estes homens. Ele vê-os e *chama-os*. São vistos. São amados. Deus olha *para* cada um de nós. Existimos e somos porque Deus olha *para* nós. Conhece-nos pessoalmente e sabe aquilo de que precisamos. Somos preciosos aos seus olhos; amados, filhos muito amados. Ele, o Nosso Senhor, tem um *amor louco* por cada um de nós, a

ponto de dar a sua vida por nos- mente para que a nossa vida
so amor, e chama-nos pessoal- seja a sua vida.

Seg, 23 – SEMANA III DO TEMPO COMUM

Hebr 9, 15.24-28 / Slm 97 (98), 1.2-6 / Mc 3, 22-30

Quem blasfemar contra o Espírito Santo nunca terá perdão. (Evang.)

«(...) Referia-se aos que diziam: “Está possesso de espírito impuro”». A gravidade da blasfêmia é não reconhecer Deus no Espírito Santo e tomá-Lo por um espírito impuro, ou, se quisermos, pelo diabo. Este pecado não tem perdão porque não reconhece quem pode perdoar. Isto não acontecerá na vida do leitor, mas o que pode acontecer é a dureza do coração. O leitor peça um coração de carne.

Ter, 24 – S. FRANCISCO DE SALES (Memória)

Hebr 10, 1-10 / Slm 39 (40), 2.4ab.7-8a.10.11 / Mc 3, 31-35

Quem é minha Mãe e meus irmãos? (Evang.)

Jesus dirá que são os que fazem a sua vontade. Se fizermos a vontade de Jesus, seremos da sua família. Ser da família de Jesus é ser da família de alguém cheio de glória divina. A glória do amor até ao fim, a glória da cruz. A cruz era um castigo de escravos e bandidos. Mas Jesus assumiu-a. E nós somos da família. (Ou não somos?)

Qua, 25 – CONVERSÃO DE S. PAULO (Festa)

At 22, 3-16 ou 9, 1-22 / Slm 116 (117), 1-2 / Mc 16, 15-20

Se pegarem em serpentes ou beberem veneno não sofrerão nenhum mal. (Evang.)

Há uma certa imunidade da pessoa que é boa, da pessoa que está bem com a sua consciência, da pessoa que, em última análise, está com Deus. Em relação ao mal que lhe vem de fora de si. Quando a pessoa se choca (se escandaliza) com alguém, é como que a bondade a chocar com o mal. A bondade está a reagir ao mal. Agora, seria pecado passar-se daí para a maledicência. O leitor peça a graça de se chocar.

Qui, 26 – S. TIMÓTEO E S. TITO (Memória)

Hebr 10, 19-25 / Slm 23 (24), 1-6 / Mc 4, 21-25

... para nos estimularmos à caridade. (1ª Leit.)

Nós estimulamo-nos à caridade mesmo de maneiras inconscientes. Por exemplo, o leitor já reparou na influência que tem nos outros se está bem disposto? Se o leitor irradiar boa disposição, parece que o ambiente se descontrai e as pessoas ficam mais propensas à caridade e ao amor ao próximo. O leitor já reparou? Hoje peça a graça da boa disposição.

Sex, 27 – SEMANA III DO TEMPO COMUM

Hebr 10, 32-39 / Slm 36 (37), 3-4.5-6.23-24.39-40 / Mc 4, 26-34

O reino de Deus é como um homem que lançou a semente à terra. (Evang.)

«Dorme e levanta-se, noite e dia, enquanto a semente germina e cresce, sem ele saber como». É assim que o reino de Deus cresce no nosso coração. Temos momentos fortes, que são a oração, que são as vezes em que amamos mais especificamente, as vezes em que criamos. Esses momentos fortes regam a semente que temos dentro de nós e que vai crescendo sem nós darmos por ela. Hoje, o leitor peça pelo seu crescimento.

Sáb, 28 – S. TOMÁS DE AQUINO (Memória)

Hebr 11, 1-2.8-19 / Lc 1, 69-75 / Mc 4, 35-41

O Senhor nos deu um Salvador poderoso. (Salmo)

Jesus Cristo é um Salvador poderoso. Mas que poder é este que foi crucificado? O esplendor das igrejas e das cerimónias litúrgicas é (deve ser) só um sinal do poder espiritual de Deus. Não de um poder mundano que, aliás, Deus não tem, porque esse poder é demoníaco. Quando pensamos num salvador poderoso, temos sempre que nos lembrar que o seu poder não está na força, está no contágio, no convite. Deus convida-nos, não nos obriga. O seu poder é conseguir não oprimir.

Dom, 29 – DOMINGO IV DO TEMPO COMUM – Ano A

Sof 2, 3; 3, 12-13 / Slm 145 (146), 7-10 / 1 Cor 1, 26-31 / Mt 5, 1-12a

«Bem-aventurados», isto é, «felizes». Diz Jesus que são felizes todos aqueles que nós normalmente consideramos infelizes. As bem-aventuranças são a contradição exata daquilo em que normalmente acreditamos. Quem são aqueles que consideramos felizes? Os ricos? Os poderosos? As pessoas conhecidas? Jesus aqui parece confundir tudo: então as pessoas felizes são os pobres, os humildes, os desprezados?

Para Jesus é bem claro! Para que não tenhamos dúvidas, repete oito vezes «Bem-aventurados», proclama felizes e abençoados todos aqueles que normalmente consideramos infelizes e quase amaldiçoados: os pobres, os humildes, os que choram, os que têm fome e sede, os perseguidos.

Mas há dois tipos de «felicidade». Uma é a felicidade do «bem-estar», que se encontra a um nível mais psicológico. Outra, que é a felicidade apresentada pelo Novo Testamento, é a felicidade de quem sabe estar no caminho certo. Por exemplo, se está a chover e encontro um lugar para me abrigar e ficar seco, fico feliz porque não me molhei (bem-estar), mas se tenho alguém que me espera, que amo e quero encon-

trar, não me importo de ficar molhado, desde que encontre a pessoa amada.

As bem-aventuranças são, em primeiro lugar, palavras autobiográficas de Jesus: revelam-nos quem é o Senhor, como viveu e quais eram as suas prioridades. Mostram-nos também como é Deus e, porque somos criados à sua imagem e semelhança, as bem-aventuranças também nos revelam o Homem realizado, são a vida abundante que nos garante o Senhor. Estas são palavras que nos salvam verdadeiramente de uma vida morna e neutra. Fazem-nos ver como vive a comunidade dos filhos de Deus sobre esta terra e indicam-nos o sentido da história. São também, para nós, indicações que nos guiam para realizarmos a nossa própria identidade de filhos de Deus.

É importante não olhar para as bem-aventuranças como se fossem uma nova lei para cumprir, ainda mais exigente e difícil do que a anterior. Estamos aqui diante de uma espécie de «regra de vida» do Filho. Aquilo que Jesus diz com palavras é exatamente aquilo que Ele vive, e quando fala não decreta leis, mas anuncia Evangelho. Estas não são novas e difíceis exigências, mas dom para

a nossa vida. São dom! Sem o seu Espírito Santo, este dom torna-se numa ideologia: estas palavras de Jesus não pretendem ser mais um peso para a nossa vida, mais um conjunto de coisas que não conseguimos cumprir, mas é a Verdade que nos cura das mentiras de que o mundo nos tenta convencer. As pessoas felizes não são as ricas, as orgulhosas, as que estão de barriga cheia, as poderosas, as que vencem as lutas e guerras, mas são aquelas que vivem em

Cristo e se deixam guiar pelo seu Espírito Santo.

A grande beleza deste discurso do Senhor é que nos oferece o rosto verdadeiro do Pai. Mostra-nos como seremos felizes quando percebermos que somos filhos deste Pai que nos ama. Seremos felizes quando compreendermos que não temos nada nosso, tudo nos é dado e confiado pelo Senhor. Felizes seremos quando, no silêncio, a nossa vida falar de Jesus Cristo.

Seg, 30 – SEMANA IV DO TEMPO COMUM

Hebr 11, 32-40 / Slm 30 (31), 20-24 / Mc 5, 1-20

Tende coragem e animai-vos, vós todos que esperais no Senhor. (Salmo)

Todos nós precisamos de ânimo; em algumas alturas, mais, noutras, menos. E, como sempre, isso provém da conjugação de três fatores: a relação com Deus, a relação connosco, a relação com os outros (ou com a criação dos outros). Hoje, peçamos a Deus a graça de nos animarmos a dar força a nós próprios.

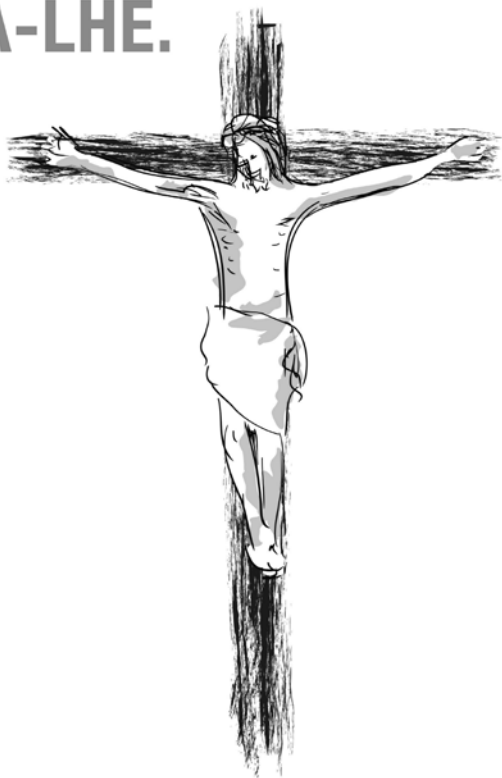
Ter, 31 – s. JOÃO BOSCO (Memória)

Hebr 12, 1-4 / Slm 21 (22), 26-28.30-32 / Mc 5, 21-43

Pensai naquele que suportou contra Si tão grande hostilidade da parte dos pecadores, para não vos deixardes abater pelo desânimo. (1ª Leit.)

Esta é a tradução do livro das leituras da Missa. Outra, que eu prefiro, é a seguinte: «Pensem n'Ele, que tanta oposição sofreu por parte dos pecadores! Assim, não hão de perder a coragem nem desfalecer». O leitor veja a que lhe dá mais devoção e aplique o seu conteúdo.

LIGA-LHE.



Nada nos aproxima mais de Deus do que a oração. Falar com Ele, sentir que nos escuta, receber a sua força. Seja para Lhe pedir alguma coisa ou para Lhe agradecer o muito que nos dá. Para procurar orientação ou encontrar consolo. Ele está sempre disponível para nós. Em cada dia. A qualquer hora.

Para te ajudar a rezar, agora tens Click To Pray, a app da Rede Mundial de Oração do Papa (Apostolado da Oração). Com ela podes unir-te ao Papa na sua oração pelos grandes desafios da humanidade que Francisco propõe na sua intenção mensal.



CLICKTOPRAY
JUNTOS. CADA DIA É DIFERENTE

www.clicktopray.org

www.facebook.com/clicktoprayapp

[@clicktoprayapp](https://twitter.com/clicktoprayapp)